

OBJETO DE ESTIMAÇÃO

Sandra Lyon

Sim, era um canivete que só vendo, de cabo de osso e lâmina de aço legítimo. Ferramenta que servia para tudo, você nem pode imaginar. Uns dez anos de uso. Daí, quando a gente perde uma coisa assim, é como se perdesse parte do corpo. Um dedo, ou perna talvez.

Mas chegou vivo ainda?

Mais morto que vivo, delegado.

Pois é, os homens trabalhavam ali quebrando pedra na pedreira, manejando as máquinas de fazer brita. Os caminhões carregados de brita manobravam e desapareciam na estrada em direção à construção. E todos tinham que trabalhar muito, sem fugirem do trabalho porque os caminhões cada dia precisavam dar mais viagens e carregarem mais peso.

Ninguém, está mudando de assunto não, delegado. Estou só explicando como era a vida ali. Faz um mês hoje. Se não ficasse contando os dias, quem sabe nem notasse o tempo.

O sono e o cansaço tonteavam os homens que deitavam com os corpos moídos e dormiam pesadamente. O sol batia forte cozinhando a cabeça de cada um que trabalhava ali de maneira mecânica, só sabendo responder sim senhor, sim senhor.

Foi quando começou a chover. Que chovesse, que desabasse porque pedreira não mofa com chuva. Os homens agradeceram a chuva que agora aumentou de novo, e os deixava presos nas barracas de lona improvisadas e espalhadas junto à pedreira. Assim: uns ficavam agachados, outros deitados, todos com o frio da terra entrando pelo corpo, atiçando-lhes a fome.

Comiam com ódio e fúria cada pedaço de comida, tostada com fogo de jornais úmidos e revistas e papelão. Enquanto isso o jogo não parava, os lampiões no teto de lona, os baralhos se-bentos. Todos ali, descalços, revesando-se no jogo. Depois dormiam até empapucar os olhos ou ficavam até tarde da noite captando estações distantes com arames emendados nas antenas dos rádios de pilhas. A ociosidade e a bebida apertavam, mexiam com a cabeça e o corpo dos homens, que foram, pouco a pouco, enjoando da pose de reis, damas e valetes.

Pois digo que foi assim durante três dias, delegado. De vez em quando chegava um jipe da construtora com mantimentos, ferramentas. E foi numa dessas vezes que chegou também o gordo que tinha um par de dados. Conversei agachado com ele, a dois palmos. Queria conhecer os dados, como se fosse possível descobrir algum macete. Eu fechei as mãos e sacudi os dadinhos com força e um deles foi cair perto da fogueira acesa. Desculpe. Mas o gordo ficou vermelho de raiva. Confesso, delegado, que, nessa hora, senti medo dele. Foi quando me segurou pela camisa e me empurrou com força. Depois apanhou os dados e se afastou. Fiquei ali parado e fiz até força para esquecer do canivete dentro do meu bolso. Não estou me desculpendo, não. Pode até rir, se quiser, delegado, mas o jeito dele era de homem briguento, de provocação.

Amanheceu sem chuva, sem sol. Então, os homens voltaram aos seus postos com atraso e preguiça de três dias. Foi quando, de longe, viram a roda de gente perto de um dos caminhões. Um deles comandou:

Fiquem todos afastados!

Alguém viu quando o gordo desceu da boléia do caminhão e esperou que o rapaz atingisse o aclave, além do capinzal, então colocou o pé na frente, no caminho. O rapaz foi ao chão e ao voltar-se para reagir, levou um soco no rosto fazendo uma massa arroxeadada e havia barro na sua testa e pescoço e roupas. Os dois se abraçaram, parados, estavam gelados e sofriam. Ficaram algum tempo assim, agarrados, escutando um a respiração

do outro. A lâmina do canivete saiu e entrou de novo. A mão e o canivete entraram juntos e atolaram nas gorduras. Então, os homens viram quando o gordo tombou duro feito uma pedra.

— Morreu? Quem disse! E se for ele gemendo?

Sei que a dor não vai poder ficar aí a vida inteira, delegado. Foi assim que o meu canivete ficou perdido na barriga do homem. Depois que perdeu naquele mundo de coisas, quem é que pode encontrar?